



Documentário Junho - O mês que abalou o Brasil, os movimentos sociais e a Copa 2014¹

Elizabeth de Menezes Rocha²
Universidade Paulista, São Paulo, SP

RESUMO

O estudo tem como objeto o documentário Junho - O mês que abalou o Brasil, o objetivo é compreender como se constrói e elabora os acontecimentos através do dispositivo da enunciação, neste caso, o prólogo do documentário. Pretende-se mostrar a relação dos aspectos verbais, visuais, sincréticos e discutir as estratégias empregadas fundamentando-se nas concepções teóricas de Algirdas Julien Greimas, Jacques Fontanille para os aspectos da linguagem, Manuel Castells para os conceitos que envolvem os movimentos sociais e Denis de Moraes comunicação alternativa e em rede. Trata-se de uma pesquisa com metodologia focada na análise documental e será feita a interpretação do conteúdo do filme.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; sincretismo; movimentos sociais; Copa 2014.

1. INTRODUÇÃO

Parece ser claro o sincretismo de fatores que envolvem o futebol. Este tema abarca vários aspectos: esportivo, político, econômico, social, tecnológico, midiático, cultural, identidade nacional. É usado para destacar visões positivas do país, enaltecendo-o e também é explorado para situações negativas que podem denegrir a imagem do esporte, do futebol, de empresas, marcas, do país, dos brasileiros.

Estes aspectos enraizados da identidade nacional brasileira reverberam na cultura, em aspectos social, éticos, étnicos, no cotidiano e na vida do brasileiro e como não pode deixar de ser também na Comunicação. A partir deste cenário, o presente estudo tem como objetivo analisar o documentário que tem como temática os movimentos sociais e mostrar a relação com a Copa, seja por abordar o assunto ou por ter o lançamento no período do evento. No caso do documentário Junho - O mês que abalou o Brasil o lançamento aconteceu no mês de junho a pretexto de potencializar e dar visibilidade ao filme num momento de efervescência em relação ao evento e pelos protestos que

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP, SP). Orientadora: Profa. Dra. Anna Maria Balogh, livre docente da USP; Mestrado em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP, SP), bolsista CAPES; Especialista em Marketing pela USP/FIA-FEA, SP e pela ESPM, SP; Publicitária pela FAAP, SP. Email: elizabeth_rocha@uol.com.br.



continuaram em 2014 e por ocasião da Copa. O estudo discute as estratégias empregadas e propõe um quadro teórico que articule a Comunicação, o sincretismo das linguagens, os movimentos sociais. O estudo pretende apresentar e analisar os vários elementos e símbolos usados no documentário fazendo uma associação entre a Comunicação alternativa e em rede, a Copa do Mundo 2014 e os movimentos sociais acontecidos no país.

Uma hipótese possível do estudo é de que há uma relação entre os acontecimentos sociais, a Copa do Mundo e o filme. Para demonstrar esta hipótese, será percorrido um caminho de verificação ao fazer uma breve conceituação de acontecimentos, comunicação, movimentos sociais e a análise do cenário em que a Copa do Mundo se apresenta através do momento político, econômico, social, cultural pelo qual o Brasil passa e a por fim a análise do documentário.

Para direcionar as análises o recorte do estudo é o prólogo do documentário, sendo que em paralelo serão discutidos o discurso da mídia, os movimentos sociais, comunicação em rede e mídia radicais alternativas. No caso do documentário, pretende-se demonstrar e entender as estratégias adotadas pelas quais o enunciador se apropria para organizar os processos de significação, por meio das flexões e inflexões do texto com vistas a manipular as dimensões do sensível e do inteligível.

Como recursos metodológicos terão destaque no estudo a visada, a apreensão, bem como as linguagens sincréticas, na medida em que elas podem constituir a base de recursos comunicacionais para estudar a produção de sentido nos usos do texto verbal, visual e o seu conjunto sincrético. Serão tratados nas análises os mecanismos de instauração de pessoa, espaço, tempo, e os elementos da narrativa e do discurso.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

A Copa do Mundo aconteceu sob a pressão de várias situações, num contexto de construções e desconstruções da imagem do país ao redor do mundo e no próprio país. Não há como dissociar o futebol dos vários atores envolvidos: organizadores, patrocinadores, mídia, a população, as duas últimas com papel fundamental na construção e participação dos movimentos sociais que se espalharam por todo o país.

Para contextualizar o estudo far-se-á primeiramente a reflexão dos movimentos sociais como acontecimentos. A relação do conceito de acontecimento e sua dupla dimensão de poder: o poder de afetação e o poder hermenêutico (QUÉRÉ, 2003, apud Simões, 2014, p.189) ajudam e compreender a relação simbólica do acontecimento. A primeira



dimensão - o poder de afetação - afeta, toca, sensibiliza a experiência dos sujeitos, já o poder hermenêutico do acontecimento é "fonte de sentido" (QUÉRÉ, 2010, apud SIMÕES, 2014, p.189) e pode segundo SIMÕES (2014, p.189) "iluminar problemas públicos, desvendar questões e evidenciar aspectos importantes do contexto social em que ele se inscreve". Esta relação de duplo poder do acontecimento permite refletir e apreender a natureza comunicacional dos fenômenos, e para isso é importante resgatar o conceito de comunicação dentro desta perspectiva (FRANÇA, 2008, p.89-90):

[...] um todo composto de partes articuladas; constitui-se de uma ação situada compõe-se de gestos significantes, ou seja, da presença da linguagem. A comunicação é, sobretudo, uma interação, marcada pela reflexividade - em que cada parte atua sobre a outra, e onde passado e futuro são acionados pela ação no presente.

Neste sentido, a Comunicação permite demonstrar "a interação simbólica entre os sujeitos: aqueles que movem e realizam o próprio acontecimento e os públicos que por este são construídos em um processo de mútua afetação... Retratam quem somos, como vivemos" (QUÉRÉ, 2003, apud SIMÕES, 2014, p.189). É fato que os movimentos sociais retratam o momento social, político, cultural de uma determinada sociedade, Manuel Castells³ ressalta:

Os movimentos mostram a realidade social, constroem alternativas para problemas enfrentados, atuam em redes e constroem ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social. Criam identidades para grupos que até então se apresentavam como dispersos e desorganizados, que ao se engajarem em um movimento e realizando suas atividades desenvolvem um sentimento de pertencimento social, os excluídos passam a pertencer a um grupo.

Os movimentos sociais para CASTELLS (1999) são "sistemas de práticas sociais contraditórias que acontecem de acordo com a ordem social urbana/rural, cuja natureza é a de transformar a estrutura do sistema, por meio de ações revolucionárias ou não, numa correlação classista e ou pelo poder estatal".

O significado de movimento social segundo Arato e Cohen (apud DOWNING, 2002, p.56) passa por três classificações: 1) a primeira da rebelião das massas, a multidão em tumulto; 2) a segunda por oposição considera o modelo dos movimentos sociais como

³ Entrevista do sociólogo espanhol Manuel Castells à revista Época em 11/10/2013, disponível em: <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/10/bmanuel-castellsb-mudanca-esta-na-cabeca-das-pressoas.html>>, acesso 20/07/14, às 15h39.



atores racionais com ações coletivas, com táticas refletidas como por exemplo greves, ocupações, passeatas, operações tartaruga, bloqueios de tráfego; 3) o terceiro modelo é o chamado novos movimentos sociais (NMSs) representados basicamente por movimentos ecológicos, feministas ou pacifistas.

A partir do quadro classificatório de movimentos sociais apontado por Arato e Cohen, será feita a classificação do principal movimento popular do Brasil que se formou a partir de junho de 2013. Dentre os movimentos de 2013 o que teve maior destaque foi o Movimento Passe Livre (MPL) que desencadeou uma gigantesca mobilização no país. Este movimento está classificado dentro do segundo modelo uma vez que tem como principais características a ocupação das ruas pelos manifestantes em várias cidades brasileiras, que se mobilizaram nas ruas e pela rede numa ação coletiva com táticas que iam avançando na medida que as adesões aumentavam. O MPL se formou há alguns anos, mas tomou força em 2013, ocupou as ruas por vários dias, bloqueou as principais avenidas do país, repercutiu amplamente na mídia nacional e internacional. Desde os anos oitenta não havia ocorrido no país um movimento social de tamanha abrangência como foi o "Diretas Já" (1984) cuja reivindicação levou milhões de brasileiros às ruas para solicitar mudanças políticas, como foi o *Impeachment* do ex presidente Collor (1992). Estes movimentos atuais diferem-se dos movimentos clássicos cujas bandeiras eram específicas, homogêneas, com a organização de grupo para falar e dialogar com a esfera pública. Os Novos Movimentos Sociais (NMS) se organizam localmente com pautas individualizadas e diferentemente dos movimentos clássicos⁴ o interlocutor não parece ser a esfera pública, no qual o poder (nas mais diversas esferas) não é mais passível de diálogo e nem de atender as demandas que se apresentam como indispensáveis e básicas para o mínimo de qualidade de vida das pessoas. No entanto, vale considerar que o MPL de junho protestou inicialmente pelo aumento das passagens em vinte centavos e neste caso, a prefeitura das cidades deveria ser o interlocutor junto aos manifestantes.

Há uma particularidade na relação com as mídias tradicionais, digitais e radicais. No caso das mídias tradicionais, foram cruciais para a guinada do movimento que inicialmente em função da violência de manifestantes e da polícia fez a cobertura e colocou a opinião pública a favor do movimento com a adesão cada vez maior da

⁴ Palestra conferida por Patrícia Rodrigues - Entre Ruas e Redes, o lugar da participação na democracia contemporânea - na aula de disciplina de Comunicação, Comunidade e Movimentos Sociais, oferecida no segundo semestre de 2014 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista, SP.



população aos protestos. As mídias digitais fizeram a convocação e a cobertura dos eventos, que aparentemente surgem sem se esperar, como um estopim, para o espanhol Manuel Castells⁵:

Essa é uma característica comum a todos os movimentos indignados em rede, em todos os países. São espontâneos, não dirigidos, começam por um fato insuportável, mas imediatamente surgem milhares de humilhações sofridas, cada dia por muitas pessoas, em particular os jovens, por causa das burocracias políticas. Com diziam os manifestantes de São Paulo em junho, “não são 20 centavos, são nossos direitos.

A instantaneidade oferecida pelas redes sociais parece não ser a mesma para a resolução das reivindicações dos manifestantes por parte dos poderes públicos. Há um sentido de emergência (RIBEIRO, 2014, p.103-104), uma necessidade de respostas imediatas por parte da população, no entanto, o que se nota é a quase inércia da máquina estatal que como um monstro letárgico não move seus tentáculos, se mostrando incapaz de reparar minimamente séculos de descasos, desmandos e abandono. Há no mundo contemporâneo a instantaneidade das mídias digitais, da banda larga, dos satélites, que trazem segundo Ilse Scherer-Warren (apud MORAES, 2008, p.43) três peculiaridades das redes na moldura tecnológica: 1) Temporalidade; 2) Espacialidade; 3) Sociabilidade. Relacionando as três perspectivas apontadas o que se nota é que há um certo desdobramento em relação à temporalidade (alguns serviços em tempo real) e espacialidade (acesso local e global a determinados serviços). O que se vê é a apropriação parcial da tecnologia por parte do estado incorporada na prestação de serviços para consultas em sites, agendamento de serviços, torpedos para informar sobre enchentes, alagamentos, no entanto, isso não representa algo concreto e prático na agilidade e nem na eficiência dos serviços, a mesma agilidade propagada pela tecnologia não é refletida na política, na prestação de serviços dos órgãos governamentais.

No caso especialmente do Brasil, o aumento da classe C⁶ abriu as portas para o acesso à internet, à mobilidade, às redes sociais, ao consumo de produtos, sem a mesma contrapartida por parte dos serviços públicos (educação, segurança, saúde, transporte, entre outros, ...) pagos através dos impostos em cascata que o povo é obrigado a

⁵ Entrevista do sociólogo espanhol Manuel Castells à revista *Época* em 11/10/2013, disponível em: <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/10/bmanuel-castellsb-mudanca-esta-na-cabeca-das-pessoas.html>>, acesso 20/07/14, às 15h39.

⁶ NOVA classe C transforma pirâmide social em “losango”. *IstoÉ Dinheiro*, 22, Março, 2011. Disponível em <http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/52423_NOVA+CLASSE+C+TRANSFORMA+PIRAMIDE+SOCIAL+EM+LOSANGO>. Acesso em: 12 dezembro de 2014.



desembolsar diariamente. Diferentemente do engessamento do estado, da ineficiência na entrega de seus deveres, da pouca prioridade no agendamento de pautas fundamentais para beneficiar minimamente a população, da falta de diálogo e no caso da internet há aparente liberdade no fluxo de informações com o compartilhamento das narrativas nela tratadas como descrevem ANTOUN e MALINI (2013, p.249):

As narrativas compartilhadas na Internet fazem parte de um movimento social que recusa a hierarquização de representantes e representados. Recusa a naturalização do funcionamento do poder. Recusa deixar para a mídia tradicional o poder de dizer o que pertence ou não ao acontecimento.

As narrativas compartilhadas na internet exprimem a voz da população seja por mensagem em redes sociais, compartilhamento de vídeos, a exemplo da Mídia Ninja (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) um grupo de jovens amadores que disponibiliza conteúdos de fotografias e vídeos documentários das manifestações. Muito se questionou sobre o grupo na medida em que foi se tornando conhecido e inclusive passou a fazer parte da agenda midiática que queria entender como o grupo funcionava, quem o financiava e como pretendia se perpetuar. O grupo teve uma atuação ativa que propagou sua cobertura nas redes sociais como uma alternativa à cobertura da mídia tradicional e digital das passeatas. As mídias radicais segundo John Downing (2002) "... constitui a forma mais atuante da audiência ativa e expressa as tendências de oposição, abertas e veladas, nas culturas populares. ... formas de expressão das culturas populares e de oposição."

Como mencionado anteriormente, as pautas dos protestos eram difusas e várias pautas foram incluídas nas reivindicações. Os protestos também tiveram como foco a Copa com questionamentos sobre os gastos excessivos, obras desnecessárias, corrupção, aceitação dos governantes às exigências da Fifa, desapropriações de moradores, as manifestações continuaram durante a Copa das Confederações em junho de 2013. Neste período, foram testados os pré requisitos exigidos pela Fifa para minimizar os riscos para a realização do Mundial em 2014, e garantir com isso o "Padrão Fifa" no evento. Em junho de 2014, um ano depois, durante o evento da Copa vários protestos aconteceram por todo o país, há o registro de que não foram mais de quinze⁷, e notou-se um grande aparato logístico, de homens, de armas, por parte das autoridades para minar

⁷ A agência pública de notícias de Portugal, Lusa, Disponível em <http://www.ebc.com.br/esportes/copa/2014/07/manifestacoes-perderam-adesao-durante-a-copa>, acessado dia 15/09/2014, às 15h54.



os movimentos que surgissem durante o evento. Alguns se destacaram como a greve dos professores no Rio, a prisão dos integrantes do movimento, no entanto, não houve uma mobilização tão grande pois boa parte da população começava a se envolver com a Copa, assistir aos jogos, a torcer, e talvez esta seja uma das explicações para a visibilidade nos meios de comunicação e também na rede diminuïrem:

Na perspectiva do agendamento, é preciso ter cuidado, ... para não reduzir o acontecimento à dimensão de constituição de sua relevância e saliência no cenário midiático (Quéré, 1997). Essa abordagem privilegia a dimensão de configuração da visibilidade das ocorrências na mídia, bem como de sua hierarquização. Mais uma vez, existe o risco de encerrar o acontecimento nos limites da esfera midiática, negligenciando sua emergência na experiência dos sujeitos. (SIMÕES, 2014, p.179)

A agenda da mídia durante o evento da Copa se concentrou pontualmente em acontecimentos que poderiam de alguma maneira prejudicar ou alterar o andamento da Copa e não necessariamente nos protestos, apesar de eles terem acontecido inclusive na abertura do evento. Os protestos aconteceram por vários motivos: greves de metroviários, moradia, contra a Copa e novamente com a dispersão de interesses sem um núcleo único que orbita as manifestações.

Os protestos aconteceram em várias cidades-sede com forte repressão policial com pessoas feridas e presas em todo o país, inclusive jornalistas que cobriam as passeatas e estavam identificados. Talvez isso, a baixa cobertura da mídia, a transmissão e envolvimento com os jogos diminuïram a intensidade das manifestações que passaram a ser localizadas.

Parte dos manifestantes pareciam apresentar um certo ceticismo em relação a alguns veículos de comunicação, havendo em certos casos uma postura arredia da presença da mídia em coberturas relacionada aos protestos, sendo possível notar que os acontecimentos das ruas repercutiram com intensidade também nas redes sociais: "...os sujeitos enredados criam cada vez mais conflito com o poder da imprensa, sobretudo com o modo de produzir fato e verdade." (MALINI, F; ANTOUN H., 2013, p.248).

O mês de junho no Brasil foi marcado com um evento principal, a Copa do Mundo 2014 que teve início no dia doze com a abertura oficial e a primeira partida de futebol em São Paulo, em paralelo vários outros lançamentos orbitaram o evento principal e ampliaram a divulgação do Brasil no mercado brasileiro e internacional, divulgando a imagem do país para os brasileiros e para os turistas e estrangeiros que por aqui passaram. O



Cinema é um exemplo deste fenômeno, validando a hipótese de que vários esforços de comunicação foram desenvolvidos para enaltecer a marca Brasil e criar imagem positiva do país, sendo que este estudo se concentrará no documentário Junho o mês que abalou o Brasil e a escolha se deu por tratar da temática Movimentos Sociais.

3. DOCUMENTÁRIO JUNHO - O MÊS QUE ABALOU O BRASIL

A Folha de São Paulo, grupo de comunicação integrante da mídia tradicional brasileira através da TV Folha produziu pela primeira vez um filme - Junho o mês que abalou o Brasil - no gênero documentário, a produção fílmica narra os protestos ocorridos no Brasil em 2013 demonstrando a mobilização popular que marcou o país e levou a população às ruas cuja natureza do protesto era para reivindicar inicialmente pelo aumento do transporte - Vinte Centavos - e também por outros problemas como a corrupção, desestabilização social, a Copa. Junho foi o início destas manifestações, que se estenderam até a Copa em 2014. O movimento se formou pelas redes sociais e nas ruas sendo a convergência da mídia tradicional, digitais e radicais disseminadoras na convocação, na produção e na divulgação dos atos.

As maneiras de se compor a produção de textos (fílmicos ou não) são complexas e o uso das linguagens sincréticas podem auxiliar com a presença dos diferentes recursos na linguagem. Compreender o sentido de um texto e seus aspectos envolve entender como a narrativa se dá. A narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades:

[...] a história (argumento), compreendendo uma lógica das ações e uma "sintaxe" dos personagens, e o discurso, compreendendo os tempos, os aspectos e os modos da narrativa. [...] Compreender uma narrativa não é somente seguir o esvaziamento da história, é também reconhecer nela "estágios", projetar os encadeamentos horizontais do "fio" narrativo sobre um eixo implicitamente vertical [...] ler uma narrativa não é somente passar de uma palavra a outra, é também passar de um nível a outro (BARTHES, 1972, p. 25).

O prólogo do documentário começa com a chamada num letreiro vazado: - Este filme foi produzido sem a utilização de recursos públicos: esta frase parece tentar desvincular o filme dos aparatos do estado, do governo, no entanto, de maneira alguma isenta o grupo de mídia Folha de SP de fazer parte do sistema midiático e ser ator ativo no processo manutenção da hegemonia e poder vigentes. A Folha pertence aos meios tradicionais e digitais de comunicação com o Jornal, TV Folha (Cinema), Site, meios



mediatizados, que reforçam, enaltecem o consumo e o conformismo por parte da sociedade (Denis Moraes, 2008), estes meios hegemônicos estão na contramão das Mídias Radicais que possibilitam novas modalidades de interação e relação com os meios de comunicação, "Hoje a capacidade de narrar a história pertence a todos, mesmo que ainda seja um desafio universalizar os serviços de acesso à rede."(MALINI, F; ANTOUN H., 2013, p.248).

Na comunicação alternativa em rede, por sua vez, os veículos presumidamente devem ser independentes do governo, estados, das corporações, sujeitando-se especificamente "a um projeto de transformação social", cujos propósitos são romper com crivos e controles da mídia convencional; defender a cidadania; a democratização da vida coletiva e a liberdade de expressão; opor-se ao "pensamento único" neoliberal (Denis Moraes, 2008). Dentre estes aspectos destacados por Denis de Moraes o que pode caracterizar o filme da Folha é o aspecto de difundir, organizar, articular, capacitar e reconstruir a memória, a identidade e unidade da ação, no entanto, sem se caracterizar como uma mídia alternativa ou um veículo que mesmo não tendo recebido verba governamental não é determinante para que tenha isenção ou que seja um projeto de transformação social.

Após a frase inicial do filme parte integrante do prólogo, momento este em que o filme começa a conversar com o espectador desde o seu início com analogias e informações pertinentes que serão reiteradas e reforçadas no decorrer do processo fílmico, construindo assim a isotopia sendo que a história do filme começa a ser contada antes mesmo do filme, com estes elementos: a frase de não utilização de recursos públicos no letreiro, o áudio, locutor narrando um gol, manifestantes entoam músicas, palavrões, xingamentos, tiros, gritos, bombas, aparecem numa evolução até chegar ao movimento social propriamente dito.

A articulação conceitual do estudo se dará no nível do discurso, a partir de dois elementos que são fundamentais para a forma como o percurso da narrativa será delineado pelo sujeito, são os temas e as figuras. Segundo BARROS (2005, p. 66), "[...] o sujeito da enunciação assegura, graças aos percursos temáticos e figurativos, a coerência semântica do discurso e cria, com a concretização figurativa do conteúdo, efeitos de sentido sobretudo de realidade". São dois, portanto, os procedimentos semânticos do discurso, a tematização e a figurativização. A Tematização, descreve e organiza os assuntos, e auxilia a entender como o filme determina seu tema principal e como a partir dele abrem-se outras possibilidades, neste caso, o tema são os



movimentos sociais, cujos protestos se espalharam por todo o país. Na Figurativização, acontece a organização por figuras, elas relacionam e ajudam a pensar no mundo por figuras, ao haver o uso de figuras para relacionar sensações, sentimentos e situações. Pode-se relacionar dois tipos de figuras: as figuras que expressam as sensações e sentimentos - que são sensíveis, corporais, internas -, e a segunda são as figuras icônicas que representam o mundo. Já as modulações do texto que dão tensividade e continuidade às narrativas são a visada e a apreensão, segundo FONTANILLE (2007). Serão ponderadas ambas, a visada pela intensividade e a apreensão pela extensividade na análise fílmica selecionado como *corpus* do estudo.

No filme surgem ruídos de sintonia de rádios - um meio que apresenta uma das características do cinema, o áudio. O imediatismo, característica que diferencia o rádio - com chamadas jornalísticas sendo que a primeira do documentário define a temporalidade e a espacialidade na medida em que determina o mês como sendo "junho" e "por todo o país", o Brasil: - "O mês de junho começa com a maior umidade na maior parte do país". Na sequência, no pronunciamento da presidente da república na abertura da Copa das Confederações é definida a temporalidade - 2013: - "Declaro oficialmente aberta a Copa das Confederações Fifa 2013 (vale destacar no áudio vaias do público presente no estádio onde aconteceu a solenidade, reflexo das manifestações que aconteciam nas ruas). Estes dois fatos demarcam a temporalidade e espacialidade da narrativa até chegar à visada do Filme: "As passagens de ônibus" e a espacialidade nesta etapa determina a cidade de São Paulo na chamada: - "Em São Paulo a passagem de ônibus, metrô e trem ... passam de três reais para três e vinte a partir de hoje".

A passagem do prólogo para o início do filme se dá pelo som de trem percorrendo os trilhos, numa região periférica que aparenta ser na cidade de São Paulo com a tomada do alto de uma composição em plena operação numa manhã de sol, em que milhões de pessoas saem para trabalhar numa típica e rotineira madrugada paulistana com trens superlotados e iniciam-se os depoimentos da população sobre a precariedade do transporte em São Paulo: "lotados", "demorados", "sem conforto", "um caos", "sofrido", "preço caro para o que oferece", é feita a primeira menção da Copa e dos políticos que não usam transporte público.

Em relação à imagem, há uma mistura de cenas que mostram o caos no transporte com tomadas externas e internas da cidade: com congestionamentos nas ruas, dentro dos ônibus, trens e metrôs abarrotados de gente, as pessoas se movimentando para iniciar os protestos, ... os protestos formados. O depoimento de um homem que aparenta ser

morador de rua, questiona incisivamente o valor da passagem e os empresários que enriquecem cada vez mais, segundo o sujeito agora "eles" (o sistema) tem que ter cuidado porque vai surgir o partido dos "Loucos", o homem coloca literalmente "o dedo na cara da sociedade", este representante máximo dos excluídos parece ser o mais lúcido e inclusivo participante do protesto demonstrando seu poder de engajamento. Ele tem o poder de abarcar inúmeros elementos simbólicos nos aspectos textuais, visuais, no conjunto sincrético da linguagem e faz inclusive o uso da mídia radical na gravata que veste com a grafia: JUSTIÇA, cujo "tecido" improvisado é o papel. O vestuário como meio de comunicação é um tema abrangente na discussão da mídia radical para John Downing (2002, p.177), segundo o autor "... o modelo de trajar de uma pessoa comunica sua riqueza, seu *status* oficial, seu sexo, sua inclinação sexual, de que lado do campo de batalha ela está, às vezes seu gosto pelo estilo de vanguarda - mas o vestuário pode ser também contra-hegemônico".



FIGURA 1 – Manifestante

FONTE - DVD Filme Junho o mês que abalou o país

A fala final do manifestante se funde com a música do *rapper* Criolo⁸ representante das artes cuja letra da música de protesto demonstra a realidade do país, da vida dos brasileiros (e deste manifestante inclusive) o poder transformador e de mudança que as manifestações proporcionam. Em seus estudos sobre mídias radicais alternativas que envolvem a música DOWNING (2002, p.168) ressalta "... o som musical tem uma enorme carga comunicativa, quase independente, em princípio, da letra. Esse é um dos elementos mais ariscos, mais difíceis de descrever ou discutir em música; no entanto, quase todos admitem seu caráter central". Esta é a letra da música do Criolo parte integrante da trilha sonora do documentário:

⁸ Criolo é um artista que já realizou outros trabalhos musicais para protestos como no documentário Cidade cinza, para o Movimento Estelita. Acesso dia 14/12/2014, às 19h33, disponível em: <<http://www.vaiserrimando.com.br/criolo-documentario-junho/>> .



É, dizem que não é pra você
Essa história de vencer
E sonhar e conquistar
Eu digo que é pra você
Essa história de vencer
De sonhar e conquistar
Eles querem forjar heróis
Pra manter o povo sem voz
É o soco no queixo, lapada no beijo
O tambor de crioula merece respeito
Duro é saber que o país que almejo

Já foi vendido por um baixo preço
Então façam das flores navalhas
Que farei das canções baionetas
A verdade é o todo e o todo é povo
Meu povo é sofrido e não foge da luta
Pois em casa de menino de rua
O último a dormir apaga lua
Vai, que eu quero encontrar este lugar
E possa dizer: "valeu a pena essa porra de vez!"
Vai ser assim, senhor

A música⁹ tem duração de um minuto e trinta e três segundos no filme, é tocada como num vídeo *clip* mostra cenas de várias situações que envolvem os protestos: manifestantes em ação, mídia efetuando a cobertura, a polícia tentando controlar os atos, partidos com bandeiras, ... A música encerra com um letreiro JUNHO em amarelo em caixa alta e começa a partir daí um novo ritmo para o filme que até este momento era mais rápido refletindo a tomada das ruas passo a passo e neste momento iniciam-se os depoimentos de diferentes personagens da sociedade o que torna o filme menos rápido.

Inicialmente, no prólogo, o diretor delega a voz para a população contar a história. Ela narra parte da história, ela é o narrador. A partir do prólogo o enunciador fez a escolha de vários narradores no filme numa tentativa de dar voz para diversos atores envolvidos e buscar pontos de vistas diferentes dando a dimensão social, política, econômica, cultural que o documentário e movimentos sociais exigem: população, manifestantes, ativistas, jornalistas, intelectuais, excluídos, políticos,...

A constituição do sentido na produção fílmica provoca a convocação de diferentes linguagens e suportes midiáticos. Para isso, abordou-se as linguagens sincréticas, os mecanismos de instauração de pessoa, espaço e tempo (mencionados anteriormente) os formantes dos aspectos visual, elementos da narrativa e do discurso. A linguagem "permite-nos tomar uma posição em relação ao mundo percebido e vivido e, ao mesmo tempo, atribuir-lhe uma determinada presença discursiva ou, ainda representá-lo" (FONTANILLE, 2007, p.187).

Em relação ao cromatismo o enunciador faz uso da cor amarela no título do filme - Junho o mês que abalou o país - texto que corresponde à visada do filme, o tema central que permeará o documentário datando o evento determinando a temporalidade fílmica.

⁹ Disponível em: <<http://ouvirmusica.com.br/criolo-doido/vai-ser-assim/>>, acesso 14/12/2014 às 12h24.

A apreensão fica por conta das várias aparições do amarelo nos letreiros durante a narrativa do filme, elementos textuais que sustentam a enunciação, assim como os inúmeros depoimentos, opiniões, imagens das ruas em cidades brasileiras. Esta cor parece determinar o sinal amarelo que as manifestações acenderam no país, há variações de intensidade com flexões e inflexões no texto e na comunicação visual com o uso de outra cor, o vermelho, em cenas que mostram o conflito ocorrido em vários dias e momentos entre manifestantes e a polícia, o uso da violência por parte da polícia, sendo relatado por depoentes que em várias ocasiões chegou a acontecer um massacre lembrando os tempos da ditadura.

Alguns analistas no documentário declaram que a polícia apresenta a mesma falta de preparo que o estado tem em relação aos demais serviços "prestados" como: educação, saúde, transporte, e com a polícia não seria diferente; que este tipo de ação é habitual e diária nas periferias das grandes cidades, no entanto, nas manifestações com a gravação e divulgação massificada nas mídias tradicionais e na rede dos atos policiais junto a uma classe média representada principalmente por jovens estudantes, houve revolta da opinião pública que passou a apoiar e a participar dos protestos ativamente.

Além da utilização das mídias tradicionais, das mídias digitais que se apresentam com a convergência dos meios de comunicação, se complementando e abrangendo a cobertura das informações, vale destacar o uso de algumas técnicas de mídia alternativa empregadas pelos manifestantes durante os protestos. Elas são características nos movimentos sociais uma vez que "a acessibilidade de baixo custo e a fácil difusão espacial" são algumas das vantagens apontadas por Downing (2002). Outro ponto de destaque ressaltado por Downing é que "a mídia radical alternativa não precisa censurar-se para atender aos interesses dos manda chovas da mídia, do entrincheirado poder estatal e das autoridades religiosas", ela vem do povo com um certo ar de imprevisto e muita contestação. Algumas imagens do filme que demonstram este uso:

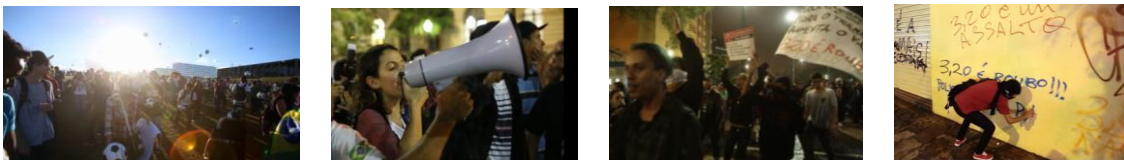


FIGURA 2 –Bolas no Palácio do Planalto; Megafone em SP; Cartazes, Bandeiras, Folhetos; Pixação
FONTE - DVD Filme Junho o mês que abalou o país



Conclusão

As manifestações ocorridas no Brasil em 2013 certamente representam um marco na sociedade civil brasileira, o país diferentemente de outras nações não tem histórico de protestos, e estes fatos assim como a Copa do Mundo, o lançamento de filmes colaboraram imensamente para a repercussão e importância dos movimentos sociais ocorridos.

O estudo permitiu analisar os aspectos da linguagem de parte do documentário verificando itens que se sobressaíram possibilitando a articulação de conceitos como enunciado, isotopia, narrativa, instauração de pessoa, temporalidade, espacialidade e cromatismo. O trabalho mostrou como se deram as articulações dos elementos comunicacionais empregados de maneira a formar o conjunto sincrético do prólogo do documentário que envolvem aspectos textuais, visuais. Notou-se que o sincretismo se apresenta não exclusivamente em relação às linguagens, mas também no contexto do ambiente em que o filme está inserido: social, político, econômico, cultural, midiático.

Os acontecimentos considerados como práticas comunicacionais podem ser conceituados e receber classificação como no caso dos movimentos sociais iniciados em Junho que fazem parte do modelo dos movimentos sociais como atores racionais com ações coletivas, com táticas refletidas como ocupações, passeatas, bloqueios de tráfego.

Estas foram algumas das questões apresentadas para estudar e descrever os movimentos sociais ocorridos no país demonstrando a natureza social dos movimentos que se formaram nas ruas e foram propagados em rede - cujo poder convocatório se mostrou eficiente. Além disso, os movimentos contemporâneos se diferem dos movimentos clássicos pelo uso de novas mídias que envolvem tecnologias digitais e basicamente pela interlocução não ser necessariamente através da esfera pública como se configurou em outros períodos da história. Eles se organizam localmente e se propagam com agilidade globalmente, com lideranças descentralizadas, que buscam produzir mudanças políticas e influenciar a mentalidade social. Em relação aos fatores midiáticos há uma notável convergências entre as mídias tradicionais, digitais e radicais, cada uma com suas peculiaridades e que no conjunto convergem para uma ampla cobertura com utilização de diferentes plataformas midiáticas prática habitual no mercado e que se reproduz com estratégia parecida no caso dos movimentos sociais, com o uso de diversos suportes midiáticos visando atingir a população a fim de mobilizar as pessoas a irem para as ruas protestarem e depois divulgarem suas impressões e resultados dos atos de protestos colhidos por celulares, *smartphones*, *tablets* com as fotos e vídeos



viralizados nas mídias sociais. No caso das mídias radicais alternativas, vale destacar seu papel ideologicamente contestador e de contraposição ao poder hegemônico, o que basicamente a difere das demais mídias. As mídias radicais emanam como alternativas para a comunicação que surgem das ruas com o objetivo de ser contra hegemônica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUMONT, Jacques. **A estética do filme**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- ANTOUN, Henrique; MALINI, Fabio. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. – Porto Alegre: Sulina, 2013. 278 p.; (Coleção Cibercultura).
- CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura, a sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DOWNING, John. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Ed. Senac, 2002.
- FLOCH, Jean Marie. **Semiótica, marketing y comunicación**. Paris: PUF, 1991.
- FRANÇA, Vera R. Veiga; Almeida, Roberto E. de. **O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso**. Contemporânea, Salvador, v.6, n.2, p,1-24, dez. 2008.
- FONTANILLE, Jacques. **Semiótica do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2007.
- GREIMAS, A. J. ; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1984. de la Comunicación. Barcelona-Buenos Aires, México: Paidós, 1995.
- GREIMAS, A. J. **Elementos para uma teoria da interpretação da narrativa mítica**. In: GREIMAS, A. J.; et al. *Análise Estrutural da Narrativa-Pesquisas Semiológicas*. 2a. ed.RJ,1972.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Trad.:José E.Rodil. Campinas:Papyrus, 1996.
- JUNHO - O mês que abalou o Brasil. Direção: João Wainer. [S.I.]: Paris Filmes, 2014. 1DVD(72min)
- MORAES, Denis de. **Comunicação Alternativa em Rede e Difusão Contra-Hegemônica**. In: COUTINHO, Eduardo G. *Comunicação e Contra Hegemonia*. RJ: editora UFRJ, 2008.
- NOVA classe C transforma pirâmide social em “losango”**. *IstoÉ Dinheiro*, 22 de Março, 2011. Disponível em <http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/52423_NOVA+CLASSE+C+TRANSFORMA+PIRAMIDE+SOCIAL+EM+LOSANGO>. Acesso em: 12 dezembro de 2014.
- ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- RIBEIRO, Renato Janine. **O Brasil e a democracia de protesto**. São Paulo: Matrizes, vs - no.1, jan/jun 2014, p.93-117.
- SIMÕES, Paula Guimarães. **O acontecimento e o campo da Comunicação**. In *Teorias da Comunicação no Brasil: reflexões contemporâneas/ Organizadores, Vera Veiga França ... [et al.]*. - Salvador: Edufba, 2014.